

# Comprando o passado



# **MARIANA TOTINO e STÉPHANY MARTINS**

**N**em sólido que se desmancha no ar, nem líquido. Com o mundo cada vez mais digital, vivemos entre o estado físico e

o virtual, projetando o futuro e revisitando o passado, procurando o melhor dos dois planos, mesmo assombrados involuntariamente por lembranças nem sempre desejáveis.

Se, hoje, ferramentas digitais

que “terceirizam” a memória, desde aplicativos para celulares – que podem servir como lembretes ou agenda –, até serviços de armazenamento de dados em redes de computadores (ou “em nuvem”) – que ampliam a ca-



pacidade de alocar lembranças, gerando um volume maior de dados – ganham força, a capacidade do cérebro de fazer associações pelo sentidos ainda é a mais segura das “mídias”, a mais valorizada e a de melhor qualidade. Até que ponto precisamos ir a um museu para sermos apresentados a passados que dizem respeito a nossa própria identidade?

Assim como os mais pessimistas atribuem às novas tecnologias um *status* inferior, a Geração Y – dos Millennials ou simplesmente dos nativos digitais – desenvolveu uma nostalgia de passados mais recentes, marcados pelo uso de determinadas plataformas e serviços que hoje já vêm sendo substituídos. O Orkut (a rede social que se popularizou no país antes do Facebook), por exemplo, já traz inúmeras recordações aos jovens nostálgicos. Mesmo com uma rápida substituição do antigo pelo novo, o apego ao que passou permanece. Colecionar itens como álbuns de figurinhas, videogames ou revistas em quadrinhos é um hobby para muitos adultos, inclusive.

Enquanto a revolução digital – num contexto em que só grandes empresas sobrevivem e a maioria deve se adaptar às inovações – ameaça o paraíso de um cinéfilo, frequentador de circuitos de arte, de cinemas de rua, entusiastas e

defensores do fruir nas salas de cinema e do flanar nos corredores repletos de estantes com discos sempre vão existir. Não importa se fotografias são tiradas a esmo com câmeras digitais e depois guardadas num disco rígido com um volume grande de informações salvas. Sempre terão aqueles que vão reconhecer o valor por trás de cada lembrança. Não são somente colecionadores de “quinquilharias”, dispostos a gastar altas quantias por objetos considerados pela maioria como obsoletos.

Cinéfilo, o jornalista e roteirista Rodrigo Goulart, de 33 anos, vai ao cinema ao menos uma vez por semana e coleciona os ingressos. Quando o cinema frequentado por ele anunciou que corria o risco de ser fechado, os tíquetes de papel viraram um souvenir, um símbolo da resistência de um núcleo da sétima arte em tempos em que filmes são vistos e baixados pela internet. São cerca de 700 entradas:

– Comecei a guardar intencionalmente, porque sempre gostei muito de ir ao cinema, e planejava desde aquela época fazer um grande quadro ou painel com todos eles, ou pelo menos, dos que considero mais importantes, o que “me representaria” de alguma forma. Ainda não fiz, mas estou perto. Coleciono só os que representaram os filmes mais

marcantes que vi – conta Rodrigo.

O analista de sistemas, Maurício Bomfim, de 53 anos, desde os 14 é apaixonado por coleções. Hoje, ele tem três tipos diferentes: a primeira é a clássica com selos comemorativos emitidos pelo Brasil desde 1900, a segunda são revistas temáticas sobre peixes de aquário e outra sobre a história da Astronomia. Esse hobby acabou passando de pai pra filho. Tomás, que é filho de Maurício, também guarda, junto com o pai, as camisas do Fluminense, desde o ano de 2002.

## Nostalgia e memória na história

Ao mesmo tempo em que se recorre à tecnologia, a aparatos externos ao corpo, como um repositório essencial de dados para a vida, delegando a ela a função de memorizar por nós, criou-se um mercado de massa da nostalgia (sentimento que parte da falta de algo já vivido). É o que aponta o autor de *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*, Andreas Huyssen. Para ele, desde 1970, é possível detectar o *boom* das modas retrô, a comercialização em massa da nostalgia, a obsessiva automutilização através da câmera de vídeo, a literatura memorialística e confessional e o crescimento de romances autobiográficos e históricos pós-modernos, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. À memória contemporânea, que anda um pouco desgastada, lançam-se acusações. O gosto por cópias, re-



*Destaque na edição do Guinness World Records 2010 Gamer, a coleção de Pokémons de Lisa Courtney inclui 12.113 itens*

presentações e remakes é uma de suas características.

De acordo com o historiador Leonardo de Carvalho Augusto, professor da PUC-Rio, a discussão sobre a memória vai além do viés histórico. Vista também como um palco de disputas políticas, ela é uma matéria-prima para a mídia:

– O discurso sobre a memória não precisa dizer respeito necessariamente uma política da memória ou uma disputa pela memória. A memória se tornou um dos temas mais importantes, inclusive para a mídia. Quem hoje mais produz conhecimento sobre a memória é a mídia. Ela se tornou também uma matéria-prima das mídias, das pautas, dos veículos de comunicação. Não se sabe se isso é feito para desviar as atenções do que acontece no presente: se o noticiário decide falar de memória para não mostrar ou ilustrar algo que está acontecendo no momento ou se é simplesmente para ser o detentor desse discurso mais autorizado sobre a memória – afirma o historiador.

Leonardo ressalta que, a partir dos anos 1980/1990, a memória se tornou uma preocupação central para os historiadores e para as sociedades que passam por uma reavaliação do seu passado recente. No caso do Brasil, o cenário estaria destacadamente ligado a uma reavaliação de eventos históricos relacionados ao período da Ditadura Militar, de 1964 a meados dos anos 1980. Não à toa que, em ocasião dos 50 anos do Golpe Militar de 1964, neste ano, diversas publicações foram lançadas sobre o período ditatorial no país, além de exposições, que trazem à tona um “passado que não deve ser esquecido, para nunca mais ser repetido”.

Huyssen confirma a emergência dos discursos sobre memória no começo da década de 1980, na Europa e nos Estados Unidos, impulsionados por debates em torno do Holocausto. No entanto, não se deve surfar em qualquer onda aparente de memória. “Não se deve contrapor o museu sério do Holocausto a um parque Disneyfido”, alerta o teórico.

Autor de *Os superficiais: o que a internet está a fazer aos nossos cérebros*, publicado em 2012, Nicholas Carr critica a influência da internet sobre a capacidade de guardar conhecimento. A rede trouxe o esquecimento, deixando a memória, a imaginação e a criatividade “dormentes”. Para explicar por que certas lembranças não nos deixam, Carr se refere ao processo de apreensão a longo prazo. O que marca a diferença entre o que vamos lembrar e o que vamos esquecer é a atenção empregada no processo de aquisição.

Segundo o autor, na primeira etapa da consolidação de uma memória nascente, qualquer perturbação pode atrapalhar. Quando sobrecarregamos nossa “área de transferência” (como aquela que guarda as informações do “copiar e colar” no computador), a concentração é dificultada. Carr é crítico e defende que a internet dispersa a nossa atenção. Como consequência, as aprendizagens que fazemos e a informação que absorvemos é esquecida, ou seja, não se transforma em conhecimento. Usar o cérebro em vez da máquina exercita o corpo. Nada melhor do que fazer associações de qualidade, duradouras, lembrar de momentos pelos próprios sentidos.

## **Cinéfilos colecionadores**

Eles gostam de contar histórias e gostam muito de assisti-las. Entre os estudantes de Cinema, a moda de colecionar sempre está em alta. São pilhas de CDs, DVDs e outros itens colecionáveis mais inusitados. Aluno do sétimo período de

Cinema na PUC-Rio Julio Napoli, de 21 anos, se considera um colecionador compulsivo de coisas que, para ele, são carregados de valor histórico e sentimental.

Ter utilidade prática não é pré-requisito para a aquisição das peças do acervo do jovem cinéfilo. Além de fitas cassetes e revistas antigas, ele compra até câmeras Super-8 (formato cinematográfico lançado nos anos 1960, que usa filme de oito milímetros de largura) mesmo não sabendo se um dia poderá utilizá-la. Além de DVDs, fitas VHS e CDs, compõem o acervo há mais tempo figurinhas de ação, bonecos e vinis.

– Sempre fui muito nostálgico. Desde criança achava qualquer tipo de passado superior ao presente, nem sei explicar direito o porquê. Mas as pessoas sempre me davam suas velharias já sabendo que eu ia gostar. Não tenho uma enorme coleção, já que meu interesse é muito amplo e qualquer coisa que eu julgue que tenha valor histórico ou pessoal eu compro. Nunca tive muita dificuldade em achar nada já que não vou com nada específico na cabeça. Minha maior coleção é de discos de vinil: tenho cerca de cem. Fui comprando e quando me dei conta já estava precisando de mais espaço – lembra o futuro cineasta.

O primeiro álbum que Julio Napoli comprou foi o segundo CD da banda britânica Queen, lançado em 1974. A aquisição foi resultado de uma negociação com um amigo, que cedeu o disco em troca de uma carteira de outros roqueiros, o AC/DC. Ele lembra que logo que ganhou o disco juntou aos que a mãe tinha guardado, só “para fazer volume”. Depois,



O Guinness reconheceu Pam Barker de Leeds, como o proprietário da maior coleção do mundo de corujas. Ela possui mais de 18.000 itens coruja

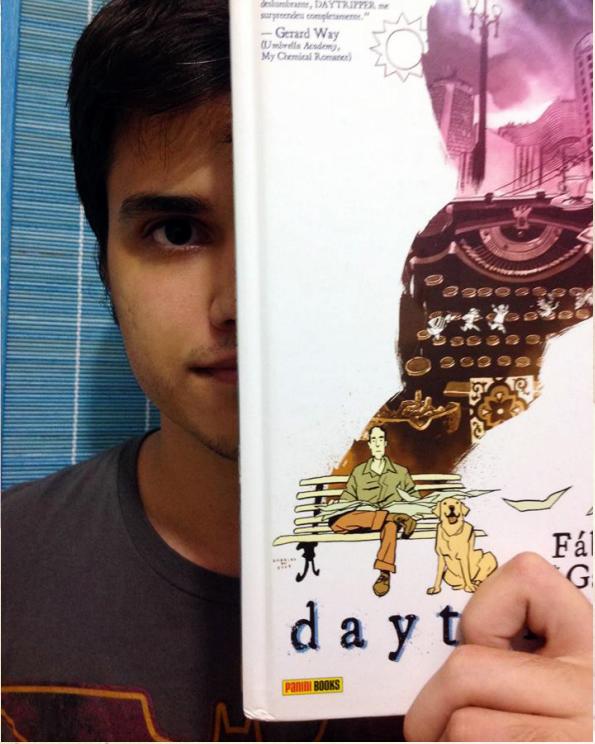
descobriu uma loja de vinil perto da rodoviária da cidade onde morava e passou a comprar seus próprios discos. Recentemente, já morando no Rio de Janeiro, visitou e “garimpou” relíquias na feira de antiguidades da Praça XV, no Centro, e numa loja de discos em Juiz de Fora, Minas Gerais.

Entre os itens considerados mais valiosos, estão os da estreia de Madonna (1983); *Thriller*, de Michael Jackson (1982) – que “custou apenas dez reais e não tem nenhum arranhão no pôster” –; *I remember yesterday*, de Donna Summer (1977) – que teria “definido o som eletrônico que está nas pistas até hoje” –; compilações de trilhas sonoras e até trilhas de jogos de fliperama. Os álbuns que contém suas músicas preferidas – como *Purple Rain*, do Prince (com a canção título), *Mistaken Identity*, de Kim Carnes (com a canção *Bette Davis Eyes*), *Play Deep*, do The Outfield (com *Your Love*) ou *The Joshua Tree*, dos irlandeses U2 (com *With or Without You*) e a trilha sonora do filme *Os Embalos de Sábado à Noite* – são os itens

considerados por Julio como mais valiosos, embora tenham custado de R\$ 5 a R\$ 15:

– Essas obras mostram muito do que fez sucesso na época. Os álbuns que com as minhas músicas favoritas de todos os tempos tem grande valor sentimental. O fato dos discos serem usados só deixa o item cada mais únicos. Tenho um disco do Prince que veio cheio de recortes de matérias de jornal sobre o cantor, e achei isso demais, um material extra que prova que aquilo pertenceu a um fã de verdade. Saber que o disco teve toda uma história até chegar nas minhas mãos vale muito pra mim – ressalta, orgulhoso de garimpar “verdadeiros clássicos” por pouco dinheiro, enquanto obras como as dos Beatles e do Led Zeppelin chegam a custar, em média, R\$ 300.

Lucas Raiol, também aluno de cinema, 22 anos, tem aproximadamente 1500 quadrinhos, 500 CDs e uma coleção de 12 vinis recém-iniciada após uma viagem a Londres que inclui um exemplar de edição limitada – com



Otávio Pinto coleciona Comics e cervejas

500 cópias no mundo inteiro –, de *singles* da banda Florence and the Machine. A paixão pela mídia física, por discos compactos, está migrando para o digital, mas ainda resiste:

– Passei por essa mudança das mídias físicas para a mídia digital e me apeguei ainda mais ao apelo físico. Entre 2006 e 2007 que minhas coleções realmente começaram a crescer. Antes eu simplesmente comprava meus quadrinhos para ler e os CDs para escutar. Depois que meus amigos começaram a vender e se desfazer de seus quadrinhos, CDs, DVDs, fitas e livros, eu vi que minha coleção tinha muito valor emocional e eu não conseguia me desfazer das minhas. O próprio vinil hoje em dia é produzido para esse nicho de mercado que possui grande demanda.

Os primeiros itens da coleção de CDs foram a trilha sonora do filme Rei Leão, o quadrinho Longo Halloween do Batman e revistinhas da Turma da Mônica. Mas a peça que tem maior valor

sentimental é um álbum de figurinhas:

– De todas as coleções, o meu item preferido é o box *Slave To The Dark*, da banda Iced Earth, por ele ter uma aparência única: cada CD é uma réplica de vinil. Mas o item com maior valor emocional é um dos que não vem de nenhuma dessas coleções. É o álbum de figurinhas da Copa de 1994, que colecionei com meu avô. Nunca pensei no valor financeiro. Sei que tem alguns itens da minha coleção que valem algumas centenas de reais, principalmente por serem edições muito limitadas e importadas.

Já com os quadrinhos, ele tem um cuidado todo especial, tanto na manutenção quanto no armazenamento.

– Meus quadrinhos ocidentais ficam guardados em plásticos especiais para eles e do tamanho exato. Eles ficam no meu armário que, infelizmente, passou por uma “fatalidade” em janeiro. Antes eu dividia em prateleiras e eles ficavam em pé, divididos por editora, dentro de editora, por ordem alfabética de título e, dentro disso, por ordem de lançamento. Em janeiro, as prateleiras cederam ao peso e agora estão empilhados deitados, um em cima do outro – um caos que estou tentando resolver o mais rápido possível – conta.

Outro aficionado por quadrinhos é o estudante de publicidade, Otávio Pinto, 21 anos, que começou sua coleção para alimentar a paixão antiga por super-heróis. Além dos comics, o estudante também possui uma coleção de cervejas:

– Creio que em ambas as co-



Coleção de quadrinhos de Lucas Rayol

leções o maior valor sentimental recai nos primeiros exemplares de cada uma. No caso das cervejas, tudo começou com uma garrafa de Duff a cerveja dos Simpsons, e que eu encontrei por acaso em um posto de gasolina perto da minha casa. Já no caso dos quadrinhos, é um pouco mais complicado, tenho um grande afeto pelo trabalho de artistas brasileiros como o *Valente* do Vítor Cafaggi e *Monstros* de Gustavo Duarte, mas também tenho um lugar especial na minha estante para os primeiros quadrinhos que eu comprei: *Batman #1* e *Lanterna Verde #1*, ambos dos novos 52.

Otávio diz que prefere não fazer contas, quando o assunto é o quanto ele gasta em suas coleções:

– Com as cervejas, gira algo em torno de 200 reais, porque muitas das garrafas que eu tenho, foram presentes da minha namorada. Já nos quadrinhos, eu evito fazer as contas pra não me assustar, mas muito provavelmente já ultrapassei mil reais.

## Brincadeira de criança

Quantas vezes já acordamos com saudades de tempos que não voltam mais? Existem momentos que queríamos apenas reviver aquela nostalgia que bate das coleções de infância? Figurinhas, selos, tampinhas... são muitas lembranças recheadas de saudade e que nunca saem da nossa memória. E, por isso, separamos dez brinquedos que fizeram sucesso com as crianças na década de 1990, porque afinal de contas, recordar é viver

### 1 – Tamagotchi

 Quem nunca cuidou do bichinho virtual mais badalado da época, não sabia o que era responsabilidade! Para mantê-lo "vivo", era necessário dar comida, banho, carinho... E tudo na hora certa! Lançado em 1996, ele foi uma revolução nos brinquedos da época, tanto que acabou virando personagem de desenhos animados alguns anos depois.

### 2 – Gameboy

Em 1989 era lançado o game boy, o novo portátil da Nintendo, que era simples, eficiente e barato. Mas o auge do joguinho foi em 1998 com o surgimento do Gameboy Color. O aparelho fez tanto sucesso que a Nintendo resolveu lançar o Gameboy Color: Pikachu Edition, referente ao desenho Pokémon que fazia grande sucesso na época.



### 3 – LEGO

 O brinquedo surgiu numa pequena empresa familiar na década de 1930. E o jogo, que faz jus ao nome, que significa "brincar bem". Ele existe em cerca de 140 países e é líder mundial do segmento de crianças de três meses aos 16 anos de idade. Hoje os jogos do LEGO têm vários temas, como Harry Potter, Star Wars, Senhor dos Anéis e super-heróis da Marvel e da DC e Os Simpsons.

### 4 – Patinete

Sendo mais fácil, leve e "portátil" que uma bicicleta, o patinete já foi o sonho de consumo de muitas crianças. Quando surgiu na década de 1960, ele era quase feito artesanalmente, com madeira e rodas de borracha. A partir da década de 1990, surgiram as versões mais modernas, feitas de alumínio e as rodas de material sintético.



### 5 – Barbie

 Mesmo sendo atemporal, a Barbie é a boneca que fez mais sucesso no mundo por várias gerações. E além da própria boneca, há também várias outras coisas que

deixam a brincadeira muito mais divertida, como o carro, o cavalo, a bicicleta e é claro, a casa dos sonhos da Barbie.

### 6 – Action Figures: Power Rangers

 Direto da televisão para o mundo dos brinquedos, os Power Rangers faziam muito sucesso entre as crianças da época. Os bonecos, além de dinâmicos, pois mexiam as articulações, também se transformavam, tendo a versão "adolescentes normais" e "Power Rangers morfador"!

### 7 – Vídeo Games

 Os vídeo games sempre foram a paixão das crianças desde o lançamento. Na década de 1990 a Nintendo tinha no mercado consoles como o Super Nintendo e o Nintendo 64 que faziam grande sucesso, principalmente pelos jogos do Super Mário. Na mesma época, a SEGA lançava o Mega Drive, para competir diretamente com os produtos da Nintendo. Dentre os jogos de maior sucesso está a série Sonic the Hedgehog.

### 8 – Tazos

 Os tazos foram uma verdadeira febre nos anos 1990. Existem vários tipos de tazos: voadores, master-tazos, metalizados, reflexivos, spinners (tazos que se transformam em peões), e muitos outros. Os tazos eram artigos promocionais dos salgadinhos da Elma Chips e vinham com vários temas diferentes, como Looney-Tunes, O Máskara e Dragon Ball Z.

### 9 – Discman

 Muito antes dos mp3, mp4 ou iTunes, quem reina-va soberano era o Discman. Vindo logo depois do Walkman ele trazia um grande diferencial: além das rádios FM, agora era possível ouvir CD's com as músicas favoritas de cada um.

### 10 – Ioiô

 Por mais que o ioiô seja um dos brinquedos mais antigos do mundo, ele ainda estava em alta no final do século XX. E por mais que muita gente acabe se enrolando, todo mundo gostava – de pelo menos arriscar – uma manobra.

## Eletro Retrô

 Algumas lojas apostam na moda retrô para chamar a atenção do público. Sempre com um toque moderno, elas acabam chamando a atenção para os detalhes, as cores, e as formas, dos objetos que no passado, fizeram a cabeça de todos.

Lojas como a Imaginarium não têm apenas uma coleção, mas várias peças, que variam de porta-retratos em forma de televisões antigas, até rádio-relógios despertadores.

Já a Brastemp, lançou uma coleção inteira que traz à memória as peças de antigamente.

